

MEU NOME É IKE

Gary Paulsen

A maior parte da minha infância na cidade de Thief River Falls, em Minnesota, foi extremamente solitária. Problemas familiares, timidez e uma completa falta de habilidades sociais garantiram-me uma vida de solidão. Caçar não era somente a porta para um mundo maravilhoso; era minha salvação.

Desde os 12 anos, eu vivia, respirava e existia para caçar e pescar. Na época de aulas, caçava de manhã e à noite. Às sextas-feiras, entrava na mata e passava ali todo o fim de semana.

Ainda não tinha aprendido a amar a solidão como amo agora.

Via coisas bonitas, como o pôr-do-sol entre as folhagens ou um cervo se movendo pelas sombras, e eu queria apontar e dizer:

"Olhe!", mas ninguém estava lá.

Então, encontrei Ike.

Era o início da estação de caça aos patos selvagens. Levantei às 3 horas da manhã e andei quatro quarteirões, de nosso apartamento até a estrada de ferro, e atravessei a ponte da Rua Oito. Pulei o barranco até a margem do rio e fui andando em direção à mata.

Estava escuro. Depois de dois quilômetros e meio, comecei a pisar com dificuldade em um pântano sujo. Tentei subir até a margem, onde o terreno era seguro, mas a lama estava escorregadia como graxa. Caí e tentei subir novamente. Com uma das mãos, segurava a arma e, com a outra, tentava agarrar as raízes.

Consegui chegar ao topo e, de repente, algo se destacou na escuridão, chegou bem perto de meu rosto e fez "uof"!

Não fez "arf" nem grunhiu. Só fez "uof".

Por um segundo, congelei. Larguei o arbusto em que segurava e comecei a descer o barranco. Pensei: um Urdo!

Enfiei a mão no bolso para pegar alguns cartuchos e carreguei a arma. Estava mirando quando vi que não era um urso.

O que quer que fosse, tinha permanecido sentado no topo do barranco olhando para mim. Só conseguia ver sua silhueta. Era um cachorro. Um cachorro grande e preto, mas um cachorro.

Abaixei a arma e limpei a lama dos olhos.

— Onde está seu dono? - perguntei. - O cachorro não se mexeu, e eu escalei o barranco novamente.

- Olá! Seu cachorro está aqui! - gritei.

Não havia ninguém lá.

- Então, você está perdido.

Normalmente, cães perdidos ficam amedrontados e famintos, mas esse cão labrador estava bem alimentado, e seu pêlo, bem cuidado. Ele ficou perto de mim.

— Bem, o que eu faço com você? Você quer caçar? - perguntei animado.

Ele conhecia essa palavra. Balançou o rabo e seguiu em direção ao rio.

Nunca tinha caçado com um cão, mas comecei a segui-lo. Já estava claro o suficiente para começar, por isso preparei a arma.

Ainda não tínhamos andado 50 metros quando dois patos selvagens surgiram perto da beira do rio e começaram a atravessá-la.

Levantei a arma, engatilhei, mirei o pato da direita e puxei o gatilho. Ele caiu na água.

Estava acostumado a atirar nos patos sobre o rio e esperava que a correnteza os trouxesse para a beirada. Dessa vez foi diferente. Ainda podia sentir o cheiro da pólvora no ar, quando o cachorro pulou na água, começou a nadar e alcançou o pato morto. Ele, gentilmente, apanhou o pato com a boca e nadou de volta. Subiu o barranco, colocou o pato bem em minha frente e sentou.

Já estava bem claro, e pude ver que o cachorro tinha na coleira uma etiqueta de identificação. Acariciei-lhe a cabeça - e ele deixou, de um jeito meio reservado - e puxei a etiqueta para ler o que estava escrito.

Meu nome é Ike.

Era tudo o que dizia.

- Bem, Ike, obrigado por me trazer o pato - disse enquanto via seu rabo balançar.

E foi assim que tudo começou.

Durante aquela estação, caçamos todas as manhãs. Eu atravessava a ponte, descia até o rio, e lá estava Ike. Na metade da segunda semana, tive a impressão de que estávamos juntos havia muito tempo.

Quando terminávamos de caçar, ele voltava comigo até a ponte, sentava e nada o fazia sair dali.

Tentei esperar para ver aonde ele ia, mas, quando percebia que eu não ia embora, simplesmente deitava e dormia. Uma vez, eu o deixei, atravessei a ponte e me escondi atrás de um prédio para observá-lo. Ele ficou ali até que eu estivesse fora do alcance de sua visão, virou-se e correu para o norte, em direção à mata.

Sua vida era um mistério total, mas, quando estávamos juntos, éramos amigos. Eu preparava um sanduíche extra para ele, e, quando os patos não apareciam, nós conversávamos. Isto é, eu falava. Ike ficava sentado, com a cabeça enorme apoiada em meus joelhos e seus grandes olhos marrons me olhando, enquanto eu o acariciava e lhe contava todos os meus problemas.

Nos fins de semana na mata, construí um pequeno abrigo.

Costumava ficar ali e acender uma fogueira, enquanto Ike se enrolava na ponta de meu cobertor. Muitas manhãs, ao acordar, eu o encontrava a meu lado, debaixo do cobertor molhado pelo sereno, roncando.

Parecia que Ike sempre fizera parte de minha vida. Até que, certa manhã, ele não estava lá. Por várias manhãs, eu o esperei na ponte, mas ele nunca mais apareceu. Achei que tivesse sido atropelado ou que seus donos tivessem mudado dali. Não soube mais nada dele. Lamentei e senti muita saudade de Ike.

Cresci, cometi os erros que um jovem comete. Tempos depois, entrei no negócio de cães de trenó e participei da corrida Iditarod, que cruza o Alasca.

Após a minha primeira corrida, voltei para casa, em Minnesota, com slides da corrida. Uma loja de artigos esportivos em Bemidji foi uma de minhas patrocinadoras, e, certa noite, fui convidado a passar os slides para o público.

Havia um senhor sentado em uma cadeira de rodas. Vi que, quando contei como Cookie, meu cão, tinha salvado minha vida, seus olhos se encheram de lágrimas.

Quando a reunião acabou, ele veio até mim e me deu um aperto de mão.

- Eu tive um cachorro como seu Cookie... um cachorro que salvou a minha vida.

- Você participava de corridas de trenós?

Ele balançou a cabeça negativamente:

- Não. Morava em Thief River Falls, quando fui convocado para servir na guerra da Coreia. Tinha um labrador, e nós costumávamos caçar. Até que fiquei ferido e perdi o movimento das pernas. Quando voltei do hospital, ele estava me esperando.

Passou o resto da vida a meu lado. Teria enlouquecido sem ele.

Ficava sentado horas, conversando com ele... - contou-me com lágrimas nos olhos novamente. - Ainda sinto falta dele.

Olhei para o homem e, depois, olhei pela janela da loja. Era primavera, e a neve derretia do lado de fora, mas pude visualizar um menino de 13 anos e um labrador escondidos à espera de um pato no outono.

Ele mencionou Thief River Falls e a guerra da Coreia... Sim, foi exatamente naquele lugar e naquela época.

- Seu cachorro chamava-se Ike? - perguntei.

O homem sorriu e concordou:

- Sim, você o conhecia?

Foi por isso que Ike não voltou. Ele tinha outro trabalho.

- Sim. Ele era meu amigo. - respondi.